

LEIA AINDA
NESTA EDIÇÃO

Nova reitora apresenta
sua equipe

*

Conselheiros do Cepe
analisam ProUni

RENATA WROBLESKI



Manifestantes
protestam
contra a
reforma
universitária
na Avenida
Sumaré

Comunidade engrossa coro nacional contra a Reforma Universitária

A quinta-feira passada, 11/11, foi data nacional de paralisação e debates sobre a Reforma do Ensino Superior. Na PUC, poucas aulas foram suspensas, mas ainda assim as discussões tiveram participação intensa.

Foram dois encontros: pela manhã, na sala P-65, e à noite, na 239, com participação de alunos, professores e funcionários.

À noite, dezenas de membros da comunidade participaram de um ato que rechaçou as intenções do governo federal.

Manifestação termina com violência policial

Após o debate realizado à noite, os participantes encaminharam-se para a Avenida Sumaré, onde iniciaram uma manifestação contra a Reforma do Ensino Superior.

O ato foi reprimido com violência pela Polícia Militar, redundando em cerca de 15 feridos e mais cinco estudantes detidos. O relato completo dos acontecimentos está em nossas páginas internas.

SALÁRIOS

Funcionários decidem aguardar posse de Maura

Reunidos em assembléia na segunda-feira, 8/11, os funcionários administrativos da PUC decidiram aguardar a posse da professora Maura Vêras, reitora eleita da PUC, para tomar novas providências sobre o pagamento do reajuste salarial da categoria.

O Tribunal de Justiça do Trabalho já deu ganho de causa aos funcionários, e não aceitou os embargos declaratórios impetrados pela direção da universidade. A Reitoria entrou com um recurso ordinário contestando as decisões no dia 3/11.

Diante da negativa do professor Antonio Carlos Ronca em apresentar pro-

posta que avançasse além das anteriores, a diretoria da AFAPUC procurou a professora Maura Vêras, que afirmou seu compromisso com o pagamento dos 6,36% devidos.

A futura reitora ressaltou que não poderia tomar ações imediatamente, pois ainda não havia assumido a gestão da universidade, não tendo poder legal para concretizar os pagamentos. Mas assegurou que a sua equipe está negociando com bancos para a efetivação de uma grande transação, que abarcaria toda a dívida da PUC numa só instituição finan-

ceira, com pagamentos a longo prazo. Nessa transação, estaria incluído o pagamento da dívida com os funcionários.

A assembléia também deliberou a publicação, em breve, de um documento assinado pela entidade, fazendo um balanço da gestão Antonio Carlos Ronca.

Em Sorocaba, também houve assembléia na semana passada, na qual foram definidos os mesmos princípios da campanha salarial da Monte Alegre. Foram aprovados o indicativo de greve e a entrada na Justiça. Nova assembléia está marcada para 2/12, depois da posse de Maura.

Ditadura democrática

A violência policial com que foi dissolvida a manifestação dos estudantes da PUC mostra como vivemos sob a ditadura democrática. O bloqueio de parte da Av. Sumaré foi um meio para denunciar e se contrapor à Reforma do Ensino do governo PT/Lula.

É inaceitável fortalecer o ensino privado, já dominante no ensino superior, em detrimento do ensino público e gratuito. É um ataque ao País, fundamentalmente aos trabalhadores e à juventude, impor a diretriz do Banco Mundial (Bird), cujo objetivo é o de reduzir ao máximo os recursos para a Universidade Pública e mercantilizá-la.

Medidas dessa natureza, certamente, obrigam a uma reação dos defensores da escola pública.

Aqueles que têm interesse na transformação de toda Universidade em fonte de exploração e lucro, aqueles que pretendem defender o sistema privado por meio de subsídios públicos são a minoria. A maioria, que constitui a população trabalhadora, não foi ainda chamada a compreender o sentido da reforma privatista e a se mobilizar em defesa do ensino público e gratuito. Sofre um bloqueio pelas forças pró-governamentais que controlam as organizações sindicais e populares. O governo não quer que suas medidas antinacionais e antipopulares sejam rejeitadas pelas camadas mais empobrecidas.

O mercantilismo da educação fortalece a escola de classe, que caracteriza o ensino no capitalismo. A grande maioria dos brasileiros não tem acesso à educação a partir do grau médio e metade das crianças que terminam o fundamental saem analfabetas funcionais (mal lêem e escrevem).

Esse retrato estarrecedor reflete a situação de exploração e opressão a que a maioria está submetida.

Reforçar o ensino privatista é um crime contra os trabalhadores e seus filhos. Implantar uma reforma ditada pelo imperialismo é um crime contra o País.

As manifestações que realizamos na PUC são parte de um movimento maior que ocorre na rede de ensino. O governo PT/Lula disse que suas reformas seriam discutidas com toda sociedade. O que fez foi ouvir burocratas sindicais e intelectuais comprometidos com os interesses empresariais. Mas essa manobra não pôde calar o movimento de resistência que rejeita integralmente a reforma por ser na essência mercantilista.

Sob bombas e balas de borracha, nossa manifestação foi sufocada pela ditadura democrática. Esse acontecimento mostra que a reforma do imperialismo e dos empresários da educação não tem como ser implantada sem atacar as manifestações coletivas.

Nossa luta continua. Vamos aumentar nossas forças com a discussão e mobilização em defesa do ensino público, gratuito, científico e controlado por quem trabalha e estuda e pelo fim da rede privada por meio da estatização. Viva a luta em defesa da escola pública! Abaixo a reforma empresarial da educação!

*Erson Martins,
Diretor da Apropuc.*

Cepe comenta adesão ao ProUni

Reunidos na quarta-feira passada, 10/11, os membros do Conselho de Ensino e Pesquisa (Cepe) comentaram o Programa Universidade para Todos (ProUni). Na última semana de outubro, Cepe e Consun aprovaram a adesão da PUC ao programa, apenas uma semana antes do prazo final estabelecido pelo governo federal e, com a presença de somente 30% dos conselheiros.

No entanto, como relatou a vice-reitora acadêmica Raquel Degenszajn, o que houve foi uma pré-adesão, já que a PUC se encontra no momento preenchendo um cadastro, que será avaliado pelo MEC. Caso os dados da universidade estejam de acordo com as exigências do ministério, a adesão será confirmada.

Rachel lembou que a seleção dos estudantes participantes do ProUni será feita pelo MEC segundo critérios de renda familiar, raça e desempenho no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Explicou também que com a aplicação do programa, em todos os cursos – inclusive os de alta procura – para cada nove alunos matriculados pagantes na universidade, um aluno deve receber bolsa integral da PUC. Para a vice-reitora, este dado é importante, porque muitas vezes o candidato de baixa renda não entra nos cursos mais concorridos por uma margem de pontos muito pequena, mesmo que apresente todas as condições para cursar a faculdade.

Alguns conselheiros contestaram o ponto de vista da vice-

reitora. Para eles, já que o MEC é que vai fazer a seleção dos estudantes que participarão do ProUni, a PUC deveria fazer um vestibular diferenciado para avaliar os alunos indicados pelo Ministério. Além disso, por ingressarem na universidade em condição diferenciada, os alunos do ProUni devem ter o desempenho acompanhado ao longo do curso, argumentaram integrantes do Cepe.

Alguns conselheiros levantaram ainda uma discussão mais ampla, em que apontaram o ProUni como um programa que reforça o caráter elitista das universidades públicas, enquanto transfere para as privadas a responsabilidade da inclusão social.

Relatório de Estágios

A professora Yvone Carmen Dias Gomes apresentou um relatório da gestão 2001/2004 da Coordenadoria Geral de Estágios. Ela relatou o crescimento no número de convênios e estágios, mostrando dados de cada Centro da PUC e das diferentes modalidades: efetivo, estágio, free-lance, temporário e trainee. As professoras pareceristas Marina Feldmann e Leda Maria Rodrigues emitiram parecer favorável ao relatório, destacando que “os dados mostrados evidenciam um trabalho gestado no diálogo, participação, envolvimento e respeito com os setores da universidade”.



PUCviva é uma publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.
Coordenação: Valdir Mengardo. **Sub-editor:** Leandro Diversa.
Reportagem: Ébano Piacentini. **Edição de arte, projeto gráfico e editoração eletrônica:** Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães. **Colaboraram nesta edição:** Marta Bispo da Cruz, Priscilla Cornalbas, Luiz Carlos de Campos, Erson Martins de Oliveira, Hamilton Octavio de Souza, Anselmo Antonio da Silva, Maria Helena G. S. Borges. **Telefones da Apropuc:** 3670-8209 e 3872-2685. **Correio Eletrônico:** apropuc@sanet.com.br. **Telefone da Afapuc:** 3670-8208. **Endereço do PUCviva:** Rua Cardoso de Almeida, 990 - Sala CA 02 - Corredor da Cardoso - São Paulo - SP. **Fone:** 3670-8004. **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCviva na Internet:** www.apropucsp.org.br.

Debates denunciam objetivos da Reforma

Dois debates sobre a Reforma do Ensino Superior precederam o ato que acabou em violência na quinta-feira, 11/11. Os encontros reuniram estudantes, funcionários e professores, e analisaram possíveis conseqüências das medidas pretendidas pelo governo federal, assim como as políticas que aparecem por trás da Reforma.

Na mesa da manhã, o diretor da APROPUC Erson Martins enfatizou que o projeto do governo, na verdade, nasceu fora do Brasil. Órgãos internacionais, como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), exigem que países que dependem do capital financeiro apliquem certos planos em áreas como Educação, Saúde e infraestrutura. Entre as orientações, estão o superávit primário de 4,5% do PIB e a contenção dos gastos com a Educação – cujo investimento federal corresponde a cerca de 4% do PIB, um dos índices mais baixos do mundo.

O professor também alertou para o grande objetivo do Banco Mundial na área, defendido como a alternativa para o futuro: a implantação do ensino à distância, através da televisão. Para Erson, isso significaria deixar “a escola subordinada a um pequeno comitê de burocratas intelectuais” contratados pelas instituições, e as redes de TV teriam grande interesse nisso.

O vice-presidente da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (Andes), Oswaldo Coggiola, integrou a mesa da noite. O professor da USP procurou resumir o objetivo principal que consta de todas as medidas da Reforma Universitária, evidenciado pela quantidade de vagas ociosas nas universidades particulares. Um levantamento recente demonstra que, pela primeira vez, há mais vagas oferecidas nos vestibulares do que alunos concluindo o Ensino Médio. “A capacidade ociosa é tão grande que o setor não tem mais para onde crescer. Para cada candidato, há cerca de 1,5 vagas. Bastava implantar o acesso universal e derrubar o vestibular. Mas falta poder aquisitivo”. Assim, o meio de as instituições continuarem sua expansão seria com o dinheiro público – é aí que entram o FIES e o ProUni.

Também na mesa da noite, a diretora da APROPUC Bia Abramides lembrou que a Reforma Universitária não é política isolada, mas sim faz parte do conjunto de reformas defendidas pelo governo – sindical, trabalhista e previdenciária –, todas refletindo “os marcos da crise internacional do capital”, com a destruição de direitos dos trabalhadores e a redução do Estado a um mero gerenciador de “serviços”.

Bia também defendeu a posição

da entidade em relação à adesão da PUC ao ProUni, chamando os presentes a “denunciar a forma como a Reitoria aprovou o projeto no Consun e no Cepe”.

Em relação aos conselhos superiores, o funcionário da pós-graduação Eduardo Viveiros, integrante de ambas as mesas, defendeu a presença maciça de estudantes nesses órgãos. “Ocupar todos os espaços políticos onde se disputa poder na universidade é fazer valer nossa posição”, disse. Hoje, dos 24 assentos destinados a estudantes nos conselhos, 18 estão vazios desde agosto, porque as eleições não foram organizadas pelos alunos.

Revista da APROPUC

A mais recente edição da *Revista PUCviva*, que tem como tema central a Reforma do Ensino Superior, foi distribuída durante os debates, e extremamente procurada. A publicação repercutiu em outros estados, como em Pernambuco: a professora Sandra Helena, do Sinpro-Recife, contactou a APROPUC elogiando o artigo que critica o plano do governo. Sandra solicitou que o artigo pudesse ser reproduzido no Encontro de Professores do Nordeste, em Mossoró-RN. A presença da entidade puquiense também foi requisitada no encontro.



FOTOS: ALCIA PERES

Pela manhã (foto esq.) e à noite (foto dir.), professores, estudantes e funcionários debateram a Reforma Universitária

Cinco estudantes são detidos por quase oito horas

O protesto de estudantes e professores da PUC contra a Reforma Universitária – que terminou com cinco alunos detidos – começou perto das 22h, na esquina da Rua João Ramalho com a Avenida Sumaré. Os cerca de 200 manifestantes atearam fogo numa barricada de pneus, impedindo o tráfego de veículos na direção bairro-centro.

Frentistas de um posto de gasolina situado nas imediações contataram a Polícia Militar. Duas viaturas observaram o protesto por alguns minutos, deixando o local em seguida. Momentos depois, vieram cinco viaturas da PM, junto com um caminhão do Corpo de Bombeiros, que começou a apagar o fogo.

Aqui, há duas versões conflitantes. Os policiais afirmam que foram recebidos a pedradas, e que os estudantes também portavam paus e garrafas. Os alunos dizem que a polícia já chegou usando de força e tentando efetuar prisões, e que pouco depois a Força Tática entrou em ação, disparando balas de borracha e bombas. O 2.º Tenente Frederico Domingos Graça, um dos que comandaram a operação, afirmou que havia 28 policiais, mas errou na conta dos manifestantes, assegurando que o número girava em torno de 300.

De acordo com o 1.º Tenente Thiago Theodoro de Souza, que chefiou a ação da Força Tática, nove tiros de borracha foram disparados ao longo do conflito. Além dos cinco detidos, pelo menos sete outros estudantes tinham marcas de balas ou cassetetes em seus corpos.

“Não podemos falar em agressão. Foi uma energia necessária. Lamentamos porque são estudantes, e temos um carinho especial por eles”, declarou o Tenente Theodoro. Mais tarde, ele foi mais preciso: “não estou ali para apagar. Estou ali para resolver o problema. E vamos usar de todos os meios necessários”.

Uma pessoa que não quis se identificar acompanhou a movimentação junto com parentes, da janela de seu apartamento, na Rua Minerva. Quando um destacamento de PMs começou subir a rua, os moradores xingaram-nos, gritando para que parassem. O Tenente Theodoro não cogitou identificar o grupo, ou mesmo detê-lo por desacato. Mirou em direção à janela e disparou. Uma pessoa

ficou ferida levemente. Os moradores compareceram mais tarde ao 23.º Distrito Policial para registrar a queixa.

O Tenente Theodoro acabou arrolado como vítima no caso, devido a um ferimento no braço e o relato de uma pedrada no abdômen. Segundo o policial, essas lesões teriam sido causadas por objetos arremessados das prédios, como uma lata de leite condensado.

A *RedeTV!* ofereceu ampla cobertura do caso no programa *Repórter Cidadão*. As imagens mostravam claramente policiais arrastando, chutando, dando coronhadas ou disparando à queima-roupa contra os estudantes.

Na delegacia

O *PUCviva* acompanhou toda a movimentação durante a madrugada no 23.º DP, na Rua Itapicuru. Depois do fim do protesto, os estudantes voltaram à PUC para informar o que havia acontecido, e progressivamente a delegacia foi sendo ocupada, num número que chegou a cerca de 80 pessoas.

Depois de uma longa espera, em que nada se sabia sobre os cinco detidos, alguns advogados chegaram para acompanhar o caso. Soube-se que Raphael Mouro, aluno de História, tinha a acusação mais grave: dano qualificado, por supostamente ter chutado uma viatura

enquanto estava dominado pelos PMs. Outros quatro (Roberto Shinji e Luiz Gustavo Alexandre, de Ciências Sociais, Thiago dos Santos Silva, de Letras, e Camila Rocha, da Economia) eram acusados de desacato e dano ao patrimônio público. Os alunos alegaram à delegada Claudia Dalvia que os policiais foram truculentos, usaram de violência desnecessária e não buscaram negociação.

Horas depois, Raphael apareceu atrás do balcão do DP, sujo e machucado, e acenou para os presentes. O gesto desencadeou palavras-de-ordem como “abaixo a repressão” e “libertem nossos presos”.

Depois disso, a delegada convocou o Grupo de Operações Especiais (GOE), que desocupou o distrito. Os policiais empunhavam metralhadoras, escopetas, pentes de balas e um escudo.

A espera continuou do lado de fora do DP. Os cinco estudantes foram soltos às 6h30 da sexta-feira.

Reitoria

A Reitoria divulgou breve comunicado na sexta-feira, 12/11, defendendo a liberdade de expressão, condenando a violência e informando que solicitou providências à Secretaria de Segurança Pública.

Ato une os três setores contra a violência

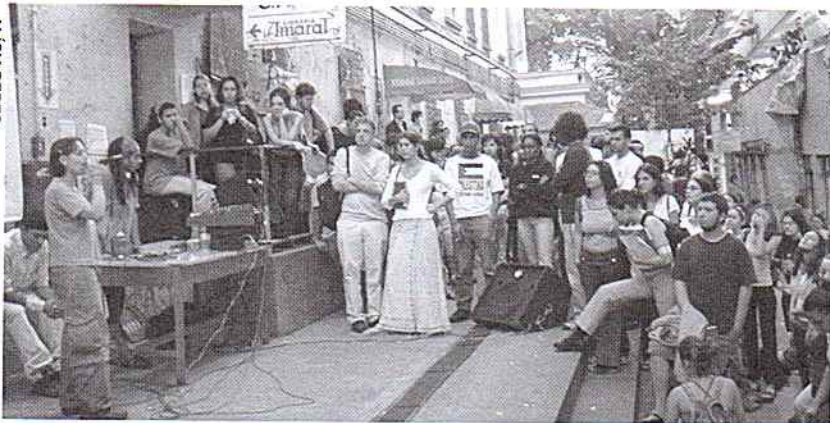
Na noite de sexta-feira, 12/11, um ato em repúdio à violência, pela defesa da livre manifestação dos estudantes e trabalhadores e pelo ensino público e gratuito unificou os três setores da PUC. Com a Prainha lotada, o estudante da FEA Rogério “Gegê”, que participou do protesto no dia anterior, declarou que a construção do ato da Sumaré só foi possível pela integração de professores, funcionários e estudantes.

Falaram no ato representantes de vários CAs, APROPUC, AFAPUC, APG e Sintusp, entre outros. Em meio ao rap do grupo Lado B, eles trouxe-

ram reflexões sobre repressão, ditadura, democracia e o papel do governo Lula e da UNE no Brasil de hoje.

A presidente da APROPUC, Priscilla Cornalbas, defendeu que a comunidade acompanhe de perto a reforma no Ensino Superior, reafirmando que ela integra o contexto das reformas trabalhista e sindical. Priscilla chamou a todos para a construção de um ato nesta quinta-feira, 18/11, para unir, como no começo do ano, dois, três mil estudantes na quadra, não para discutir a ocupação da Reitoria, mas o caráter da Reforma Universitária.

ALICIA PERES



EBANO PIACENTINI

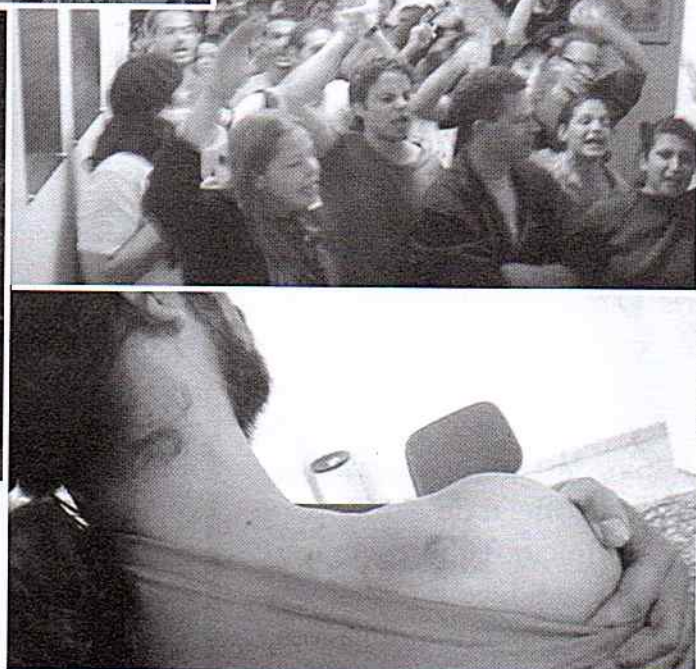
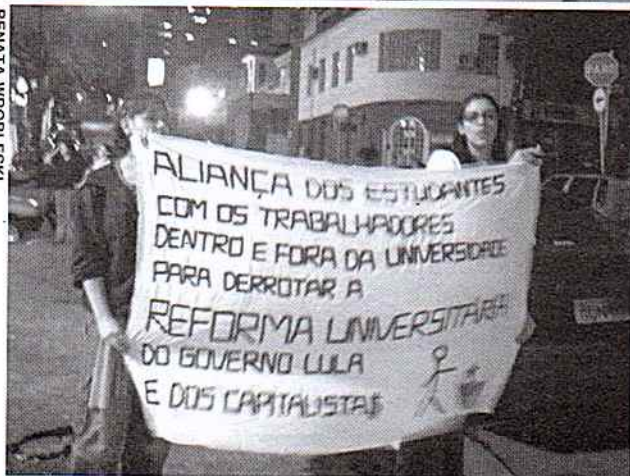


LEANDRO DIVERA



LEANDRO DIVERA

RENATA WROBLESKI



VIOLÊNCIA E RESISTÊNCIA - No alto, à esquerda, o ato que repudiou a violência e a Reforma Universitária sexta-feira, na Prainha. Ao lado, quatro estudantes detidos aguardam em sala reservada na delegacia. Logo abaixo, o momento em que os estudantes gritaram contra a repressão, dentro do DP. Acima, uma das faixas exibidas no ato da Sumaré. À direita, estudante mostra marca de agressão.

Repúdio à repressão ao movimento de luta contra a Reforma Universitária

No dia de ontem, 11 de novembro, dia nacional de paralisação e debate CONTRA A REFORMA DO ENSINO SUPERIOR, foi realizado um debate na PUC-SP, chamado pela APROPUC e AFAPUC, com a presença de professores, funcionários e estudantes, que deliberou um ato na Av. Sumaré contra a Reforma Universitária.

A manifestação, que reuniu aproximadamente 200 estudantes, contando também com a participação de professores e funcionários, foi dispersada pela Polícia Militar de forma violenta, com a Tropa de Choque, com uso de gás pimenta, balas de borracha e espancamento de estudantes, culminando com a prisão de 5 estudantes e encaminhamento de outros tantos ao Pronto Socorro, com ferimentos graves na cabeça e no corpo.

Esse tipo de violência tem ocorrido contra todos os movimentos sociais nacionalmente. Os setores que se colocam em luta contra as políticas que destroem direitos historicamente conquistados pelos trabalhadores são duramente reprimidos. É o que tem ocorrido com movimento de moradia, à greve dos previdenciários, à greve dos bancários, à greve

dos trabalhadores da USP, e a todos os movimentos que se colocam contra as políticas autoritárias do Governo PT/Lula.

Devemos nos posicionar contra esse tipo de violência e qualquer tipo de repressão ao movimento estudantil e aos movimentos populares.

CONVOCAMOS TODOS OS MOVIMENTOS POPULARES, MOVIMENTO ESTUDANTIL, DE TRABALHADORES, A CONSTRUIR O ATO HOJE, DIA 12/11/04 às 19:00 horas na PUC-SP, Campus Monte Alegre, com concentração na Prainha.

- PELO REPÚDIO A VIOLÊNCIA
- PELA DEFESA DA LIVRE MANIFESTAÇÃO DOS ESTUDANTES E TRABALHADORES
- PELO ENSINO PÚBLICO E GRATUITO

APROPUC - Associação dos Professores da PUC-SP
AFAPUC - Associação dos Funcionários da PUC-SP
Centros Acadêmicos: Ciências Sociais, Psicologia, Serviço Social, Filosofia, Clarice Lispector (Letras), Chapa Vira-Mundo (FEA)

Maura anuncia seus vice-reitores

A reitora eleita Maura Véras anunciou na quarta-feira, 10/11, os nomes de seus vice-reitores e do chefe de gabinete. A professora Bader Burihan Sawaia, do pós em Psicologia Social, ocupará a Vice-Reitoria Acadêmica; Flávio Mesquita Saraiva, da FEA, será o novo vice-reitor administrativo, enquanto que João Décio Passos, do Departamento de Teologia, foi escolhido para dirigir a Vice-Reitoria Comunitária. O professor Guilherme Simões Filho, do pós em Ciências Sociais, será o novo chefe de gabinete, e o funcionário Fábio Mariano, ocupará as funções de oficial de gabinete.

No início da apresentação, Maura agradeceu à atual gestão pela maneira tranqüila como está acontecendo a transição para a nova direção da universidade. Segundo ela, “os novos vice-reitores foram escolhidos pela sua história e trajetória na universidade”, considerando-se, de acordo com a professora, a capacidade da equipe em pensar soluções de maneira integrada. A nova reitora considera esse aspecto como um diferencial em relação a outras gestões. “Estamos trabalhando para que nada seja somente acadêmico, administrativo ou comunitário, mas para que tudo seja pensado em conjunto”.

Na matéria ao lado, apresentamos um perfil dos novos vice-reitores e suas principais preocupações.

Quem são os professores indicados



FOTOS: ALICIA PERES

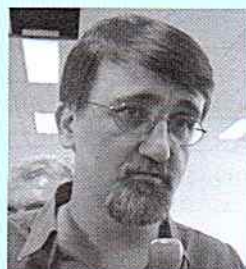
Bader Burihan Sawaia, vice-reitora acadêmica – Nasceu em Ibitinga/SP, em 1946. Bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela F.F.C.L. da Sedes Sapientiae. Desde 1970, leciona na PUC-SP, e atualmente é professora titular. Concluiu mestrado e doutorado em Psicologia Social nesta universidade. Em 1997, foi professora visitante da Universidade Central da Venezuela e docente da Pós-Graduação em Enfermagem da USP (1988-1998). Atua com ênfase na questão da desigualdade social.

Apesar de ter críticas à Reforma Universitária, Bader acredita que a PUC pode inserir-se no quadro dela de maneira criativa, privilegiando aquilo que a distingue de outras instituições de ensino, como a possibilidade de articular de maneira mais eficaz o ensino à extensão. “A PUC tem conseguido transformar uma série de deliberações em avanços. Esperamos que o mesmo aconteça com a Reforma do Ensino Superior”, considera.

Flávio Mesquita Saraiva, vice-reitor administrativo – Paulistano, 40 anos. Fez graduação (1986) e mestrado em Economia (1992) na PUC-SP, e doutorado em História Econômica na USP (2002). É professor da casa desde 1989, nas disciplinas História Econômica Geral, Economia Brasileira, Economia Internacional e História do Pensamento Econômico. Foi coordenador do curso de Economia no mandato 1996-1998. Por três vezes seguidas, foi eleito chefe do Departamento de Economia. Foi assessor da Vrad de março/1993 a março/1999.



Flávio pretende, em primeiro lugar, alcançar uma organização administrativa aperfeiçoada, cumprindo as promessas de campanha de transparência e viabilização de um orçamento para a universidade. Uma de suas principais preocupações é com o pagamento da dívida salarial com os funcionários, que pretende saldar assim que assumir a gestão administrativa da universidade. O professor espera ter uma relação freqüente e transparente com as associações, em que o assunto salário seja sempre rapidamente encaminhado, ocupando cada vez menos espaço na pauta.



João Décio Passos, vice-reitor comunitário – Nasceu em Poço Fundo, Minas Gerais, em 1963. Coursou seminário na Arquidiocese de Pouso Alegre. Licenciado e especialista em Filosofia pela PUC-MG. Bacharel em Teologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia N.S. da Assunção, em São Paulo. Mestre em Ciências da Religião e doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP, onde leciona Introdução ao Pensamento Teológico. Coordenou a elaboração do Projeto do Curso de Graduação em Ciências da Religião e a disciplina de IPT, e foi chefe do Departamento de Teologia e Ciências da Religião.

João espera de sua gestão um trabalho integrado com os demais setores da Reitoria, procurando unir os diversos sujeitos que compõem a PUC num esforço para superar a atual crise. A ampliação da PUC com a criação de novos câmpus e a elaboração de um Plano Diretor estão entre as suas primeiras preocupações.

MSD – Movimento dos Sem Diploma: A saga continua...

No dia 18/10/2004 nós alunos do Curso de Comunicação Social /Multimeios lendo a edição nº 505 do Jornal *PUCViva* tivemos a oportunidade de conhecer, através das professoras Rachel Raichelis Degenszajn e Dieli Vesaro Palma Vice-Reitora Acadêmica e Diretora da Faculdade de Comunicação e Filosofia - COMFIL respectivamente, as razões que impediram até agora o reconhecimento do nosso curso pelo MEC.

No primeiro item deste comunicado foi colocado que a PUC-SP, no que se refere aos prazos, seguiu todas as normas estabelecidas pelo MEC para o reconhecimento. No item 2, reforça que “a Universidade cumpriu todos os prazos previstos na solicitação do reconhecimento”, concluindo no item 3 que “a tramitação de competência da Universidade foi rigorosamente observada”. Verifica-se neste item que a Universidade acatou as alegações do MEC, “que apontam para o acúmulo de trabalho” por diversas razões, e conclui este comunicado ressaltando que “os alunos são informados das razões para o não recebimento do diploma no momento da Colação de Grau”, não deixando claro se na hora da matrícula após o Vestibular os alunos também são informados que o curso de Multimeios ainda não foi reconhecido pelo MEC. Pelo menos no site da PUC, no Manual do candidato ao Vestibular 2005 e nem na página do curso de Multimeios encontramos tal informação.

A conclusão a que podemos chegar é mais ou menos a seguinte: A universidade já fez tudo o que podia fazer para o reconhecimento do curso e passa a bola para o MEC. Este por sua vez alega que tem muito trabalho, que mudou o Ministro da Educação, etc, etc... e diante de tantas dificuldades também está fazendo tudo o que pode para finalizar os inúmeros processos de reconhecimento e posterior publicação no Diário Oficial da União – DOU.

Enquanto isto tudo não acontece

nós alunos fazemos o quê? Vamos fazer um mutirão para colocar em dia o trabalho do MEC? Devemos rezar para São Judas Tadeu? Vamos fazer greve de fome no vão livre do MASP? Ou todas as anteriores?

Nós alunos, que cumprimos todas as exigências para concluirmos o curso, não queremos saber de tanta desculpa, chega de lamentações, tanto da universidade como do MEC, pois nesta história se tem alguém que tem o direito de chorar somos nós, os alunos que até hoje não têm idéia de quando vamos receber o diploma. Vale lembrar que a atual Vice-Reitora Acadêmica está de malas prontas e diante disto deixa a “batata quente” para seu sucessor, que assume o cargo em 28/11/2004. Este com certeza vai demorar um tempo até tomar pé da situação acadêmica da PUC-SP, depois vem o período de férias, o Carnaval e aí meus amigos só Deus sabe quando a PUC-SP vai retomar as gestões junto ao MEC no sentido de buscar agilidade no processo de reconhecimento do curso de Multimeios.

A PUC-SP deve ter um empenho maior nas gestões junto ao MEC para o reconhecimento dos novos cursos criados pela universidade. Mandem uma pessoa para fazer plantão no MEC, recorram à mídia e se preciso for, busquem ajuda no Vaticano, mas parem de dizer que “já fizeram tudo o que podiam”, parem de justificar a incapacidade do MEC, vão à luta, arregacem as mangas e nos dêem uma resposta concreta.

*Carolina Martinelli, Enio Fernandes, Leandro Freire, Lígia Damie-
li, Valter Yamada – Alunos da
primeira turma do Curso de Comunicação Social/Multimeios*



Texto inspirado numa aula de Direito

Célio Ishikawa

Particpei do ato que barrou o debate da Caravana da UEE sobre a Reforma Universitária (29/9). Sei que o presidente do CA 22 de Agosto ficou numa posição desconfortável, e refleti mais tarde que os estudantes de Direito preferem ouvir os prós e contras antes de tomarem posições. Desse ponto de vista, barrar o debate foi um absurdo.

Mas vejamos: a Caravana da UEE já passou por várias cidades e em algumas delas foi barrada por estudantes locais. Nos sítios da Internet da UNE/UEE-SP está posto que a “Caravana foi um sucesso”. Não são mencionadas as cidades onde ela foi barrada, ou seja, que tentou passar pela PUC-SP. Menciona-se que em alguns locais a discussão foi “acalorada” e há um agradecimento às centenas de pessoas e entidades que participaram dessa Caravana. Temos a impressão de que não houve controvérsias e que as pessoas estavam apoiando a Caravana, ou seja, concordando com a UEE. Muitos acabam imaginando que quando esses dirigentes forem falar com o governo, estarão com uma posição democraticamente esclarecida (afinal até promoveram debates) e, mais tarde, quando a Reforma Universitária estiver aprovada tal como está proposto atualmente, eles terão feito o que podiam.

Seria um engano pensar assim, pois a UJS (União da Juventude Socialista) que comanda a UNE/UEE já declarou que não pretende contrariar o governo nesse momento. O debate não muda a posição deles, mas serve para simular uma discussão, por isso escondem os fracassos. A ditadura escondia seus fracassos usando o futebol.

Assim, se pensarmos como funciona um tribunal, não seria um absurdo se a exposição de uma parte automaticamente significasse a vitória desta? Ou se uma sessão fosse aberta e independentemente da opinião dos presentes, a sessão fosse considerada “acalorada” e “um sucesso”, e esse “sucesso” servisse para legitimar as decisões posteriores? Até as leis contêm artigos onde se lê: “veto”. Pesquisando, podemos saber o que continha o trecho vetado e até da discussão que levou a veto, ou seja ficamos sabendo dos fracassos e sucessos da implementação delas. Embora não tenha se transformado em algo mais propositivo, barrar a Caravana foi uma forma de evitar o “sucesso” dela, indiferente quanto à platéia ou à mesa de debate.

Célio Ishikawa é aluno do curso de Serviço Social

Rola na rampa

Pérolas negras

Esta é uma das 75 fotografias em preto e branco que compõem a mostra *Pérola Negra*, em cartaz no Espaço Cultural da Biblioteca até este sábado, 20/11. Todas as imagens são de



autorias de uma prata da casa: o funcionário Augusto Nazário, do laboratório de fotografia. A maioria das mulheres retratadas pertence à comunidade puquiãna.

Vídeo puquiãno premiado na Argentina

A mãe é ser, da professora do Departamento de Artes Rosângela Leote, foi premiado como melhor vídeo experimental no 2.º Festival de Cine y Video Latinoamericano de Buenos Aires, em outubro. Concebido sem uso de câmeras – apenas com dese-

nhos, fotos, ultra-sonografias e imagens de scanners –, o vídeo tem como trilha sonora a música *Children in the water*, do aluno de Mídias Dudu Tsuda, e edição de áudio do funcionário do laboratório de rádio Ernesto Foschi.

Um dia inteiro de cinema brasileiro

A Videoteca exibe quatro filmes do cineasta paulista Nelson Pereira dos Santos na próxima segunda-feira, 22/11 às 12h, *Azyllo muito louco*, sobre um padre do século XIX que funda uma espécie de manicômio; às 14h, *Boca de ouro*, baseado na peça de Nelson Rodrigues, que narra a história de um bicheiro; às 16h, *A terceira margem do rio*, inspirado na literatura de João Guimarães Rosa; e às 17h30 *Memórias do cárcere*, baseado no livro de Graciliano Ramos. Um debate sobre a obra de Nelson será realizado às 20h30.

Continua a maratona de homenagens

O Conselho Universitário (Consun) outorgou na segunda-feira passada, 8/11, o título de professora emérita da universidade a Salma Muchail, do Departamento de Filosofia. A cerimônia contou com discursos emocionados, lembrando a trajetória e a personalidade da professora. O próximo a ser homenageado pelo Consun é Dom Paulo Evaristo Arns, que vai receber o título de doutor honoris causa. A data ainda não foi confirmada, mas de acordo com a Reitoria a celebração pode acontecer na próxima terça-feira, 23/11, no Tucarena.

Uma câmera, um microfone, um repórter

A vídeo-reportagem, formato jornalístico em que um repórter sai sozinho com o equipamento para realizar uma matéria, vai ser tema de um grande seminário no final deste mês. Nos painéis, discussões sobre a origem e os rumos dessa forma de comunicação cada vez mais popular, acompanhadas, claro, da exibição de vídeos. O objetivo é discutir o vídeo-reporter como um agente para a democratização da mídia. Participam do seminário o

professor do Departamento de Jornalismo Júlio Wainer, além dos vídeo-reporter Marcelo Guedes (ex-TV Gazeta), Rodrigo Leitão (Band), Paulo Castilho (TV Cultura), e da editora da AOL Roberta Pereira. As inscrições para o seminário podem ser feitas até a próxima terça-feira, 23/11, na Videoteca (térreo do Prédio Novo). Os painéis estão marcados para 27/11, das 9h às 16h30, no Auditório Banespa. Informações: 3670-8267.

Megadebates sobre a esquerda brasileira

Grandes nomes dos partidos de esquerda do Brasil vêm à PUC debater *O papel da esquerda na conjuntura nacional e a construção do socialismo* na quinta e na sexta-feira, 18 e 19/11, às 19h. P-SOL, PCB, PCO, PT, PSTU,

Estratégia Revolucionária e POR são alguns dos partidos que estarão representados. A organização é do Núcleo Relações de Trabalho e do Núcleo Pobreza e Desigualdade, da Faculdade de Serviço Social.

Debate esquenta sucessão no Cacs

Das sete chapas que estão disputando as eleições para o Cacs, cinco debateram entre si e com os estudantes que compareceram ao Museu da Cultura lotado, na noite de 10/11. São elas: Palmares, Cacs Livre/Malacabados, Não Passarão, Transformar o Tédio em Melodia e AJR. Além das intervenções dos membros das chapas, diversos estudantes falaram

ao microfone, colocando questões e fazendo críticas. Representantes dos CAs de Direito, Letras, Psicologia e da gestão eleita Viramundo, que assumirá a FEA, também participaram. Na avaliação de alguns estudantes, todas as chapas se saíram bem, mas para outros a polarização maior ficou entre as chapas Não Passarão, Palmares e Cacs Livre.

Revista PUCviva discute saúde

O próximo número da Revista PUCviva, que vai circular no mês de dezembro, discutirá o tema Saúde. Os interessados em escrever ar-

tigos para a publicação têm prazo até 30/11 para enviar suas colaborações ao e-mail ricardomelani@ibest.com.br.